

SOBRE QUANDO SONHAMOS COM RATOS

Luiz Henrique Moreira Soares (UENP)¹

*“O inexplicável horror de saber que esta vida é verdadeira.”
Fernando Pessoa, em “O horror de conhecer”.*

A morte é um pouco do mundo que vai embora, que transcende para outro plano. A morte é a segunda estância principal da vida: a primeira é o nascimento, os pezinhos tenros. E já se esquece, se livra, deixa a cabeça mais opaca e descrente, e assim vai desfalecendo aos poucos, se gastando entre vermes e perfumes, assistindo o ruir da bendita memória, o suicídio mais lindo.

Vera Sílvia costumava guardar as mágoas como se fossem moedas de cinco centavos. Guardava uma aqui, outra ali. Conseguia afastar com destreza, toda e qualquer inquietude que pretendesse alojar no peito. Afastava também o ressentimento, acomodava o coração apenas às coisas menos complicadas. Atribulações passadas surgem rasgando o peito que tanto custava manter quieto, a memória se costurando nas barras sujas do vestido. É sempre assim. Morre-se tentando acomodar as mágoas, contando-lhes mentiras ao pé do ouvido do tempo, surdo de razão e justiça; morre-se tentando livrar-se das turbulências. Turbulências demais fazem o coração virar cofre de moedas acomodadas. Moedas e mágoas contornam o homem em sua íntima necessidade de não se apegar ao engano, em não deixar-se fazer cofre de desilusões, desembrulhos e despedaços.

Vera Sílvia magoou-se por não ter filhos, por Deus lhe negar de forma tão brusca e maldosa a regalia de não poder gerar em seu ventre uma criatura de pezinhos tenros. Vera Sílvia magoou-se por não poder fazer consigo o que faz aos outros, por ter coração de pedra, por ser mulher demais, por ser bicho da vida. Acostumou-se a guardar as mágoas como se fossem moedas num cofre. Um cofre abarrotado de silêncios, o ontem, o hoje, o órgão atrofiado, o tempo, a memória, a história, tudo se confundindo na pele. Maquiar o rosto de um moribundo é a tentativa de resgatar o resto de vida que ainda floresce dentro da carne decomposta

¹ Graduando da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Campus Jacarezinho. E-mail: luizhsoares83@gmail.com.

da morte. É claro que nada mais funciona, os olhos já não veem, a boca já não sussurra, nem os braços carregam a força da ternura, não sentem a delicadeza do toque. Vera Sílvia toma um cuidado enorme para não se deixar comover pela tristeza descarada. Com alguma sorte, consegue enganar os negligentes sentimentos que essa profissão a faz sentir. Enganar a morte é mais fácil do que enganar a vida. Algumas coisas nunca acabam em definitivo, sempre tem algo que precisa ser revirado, removido, revivido.

Maldição! Esse é o problema de quem anda dormindo pouco e comendo mal. Começa a divagar nas próprias loucuras, e é por isso que exagera no café, logo de manhã. Sabe os significados dos sonhos? O que quer dizer quando se sonha com ratos? Talvez pudesse aguentar os baques da vida apenas com café, quem sabe, mas não sabe bem se dará conta de sobreviver, já que a arte do café necessita paciência extrema na espera da fervura da água, coisa que Vera Sílvia nunca teve.

Trabalhou demais na noite passada: um ônibus de uma empresa de turismo havia caído numa ribanceira, perto da Rodovia Afonso Aristides. Os passageiros voltavam de um jogo de futebol na cidade vizinha. Eram homens grandes, peludos, um misto de suor e sangue. Entre os destroços, encontraram um troféu de campeão da série C. Vera Sílvia organizou um total de 21 funerais. Talvez devesse comemorar o título de campeão da série C por eles, talvez devesse dar um beijo em cada esposa que os esperava em casa, talvez devesse abraçar cada criança desentendida em morte da presença, ou não, apenas aparar aquelas barbas mal feitas e mal cuidadas daqueles homens de costas e rostos queimados, camisetas sujas de molho de tomate e terra, ou talvez devesse não pensar mais nisso e voltar a trabalhar, ou se lembrar de que ninguém decidiu morrer no dia de hoje, logo, é um bom momento para organizar algumas ideias. Se é que elas precisam ser organizadas.

O trabalho de Vera Sílvia não é chorar pelos excomungados, nem fazer-se de santa protetora de indigentes. Trabalha dezoito horas por dia, entre feriados e domingos com folgas de uma semana a cada dois meses. Isso não é trabalho de gente decente, dizia sua mãe. Seu trabalho é apagar a vida das pessoas, a história, negar a elas a verdade, as coisas que viveram. O mundo nunca se apaga por completo, o mundo fica com a gente.

O que quer dizer quando se sonha com ratos?

É quase impossível não pensar nisso. É um sonho maldito que a persegue de tempos em tempos. Talvez devesse consultar um médico, um astrólogo, ou uma cartomante, ou um mágico, ou um domador de ratos, meu Deus...

Vera Sílvia nunca teve filhos. Demorou a entender que a vida lhe reservara coisas maiores do que filhos e homens. O atrofiamento do órgão, assim, tão de repente e violentamente doloroso. Vera Sílvia amou demais, claro que amou. O amor lhe parecia ainda mais atraente em épocas de revolução. Não havia espaço para as amarras sentimentais, o amor era frouxo como laço de fita de cetim, doce, leve como a bandeira da república, livre como as ideias e o tesão dos dias que se enfileiravam. E no final, tudo se resultaria em mágoas. Ou moedas. Os sentimentos escapavam das mãos, viraram pó, cinzas, e sonhos com ratos famintos percorrendo seu corpo. Ela estava amarrada, presa, presa às lembranças do passado que voltam como fantasmas, assombram. Vera Sílvia arde em febre, sabe muito bem que não se bebe café amanhecido, não se deve beber o café amanhecido de todos os dias.

As paredes da sala azul estavam frias, e Vera Sílvia talvez devesse tomar logo um analgésico, tomar logo as rédeas da própria vida, terminar de fumar aquele bendito cigarro que nunca tinha fim. O sol começava a despontar. Lá dentro, na mesa principal, estava o maldito corpo. Talvez devesse culpar alguém pelos sonhos com ratos, por estar dormindo mal e quase nem entendendo as coisas direito.

Solta a fumaça do cigarro no rosto da defunta. Era uma maldita, desgraçada. Dormiu tão pouco e acordou tão cedo, nem havia reparado quando trouxeram aquele corpo. Parece que o passado deu de brincar com ela. Naquela mesa de necrotério, pela primeira vez, conseguiu ver o fantasma do passado tão claramente, desenhado no rosto da mulher cubana que jazia morta à sua frente. Não podia enganar a si mesma, não mais. As feições daquela senhora são irreconhecíveis, mesmo depois de 30 anos. Lembra bem do dia em que se conheceram, verão de 1972, duas jovens cheias de sonhos e certezas, e a luta revolucionária que não mede os apegos, nem as feridas. A cubana tinha um sorriso largo, bunda enorme, e só conseguia pensar nisso. Sim, na bunda enorme de sua companheira de luta, nos peitos discretos e aveludados. Consegue ver o passado tão claramente na mesa do necrotério. Talvez devesse parar de pensar nisso tudo e concentrar suas energias no trabalho que a espera, ninguém está esperando pela morte nessa manhã tão esquisita, mas ela sempre vem, talvez devesse parar de se perguntar por que a vida lhe reservara esse momento tão doloroso, talvez pudesse ver as memórias daquela vida que não teve no corpo da mulher cubana morta, um corpo cheio de cicatrizes, marcas de cortes profundos e desilusões de revolução, um corpo renegado do direito de continuar vivendo, ou um corpo certo da consciência do fim da vida terrena, um corpo, um corpo. E foi por esse mesmo corpo que Vera Sílvia sentiu-se traída, anos atrás.

Merda! Essa vida não tem sentido mesmo, não tem nenhum não, a gente precisa é ficar procurando o sentido de toda essa loucura para conseguir viver um tanto de felicidade, mesmo que seja por algum tempo, mesmo que seja por cinco malditos anos amando o mesmo homem, amando o mesmo corpo cicatrizado e dividido entre a luta e a traição, e logo, um corpo fugidio, deslocado, exilado, e aquela maldita febre que não passava, a sua falta de escrúpulos em desejar sexualmente uma defunta, amante, a sua dor de cabeça, parte integrante de si mesma, como se houvesse criado a dor agonizante de sentir ratos famintos penetrando seu corpo, corpo cicatrizado pelas desilusões do passado, tão louco e incompreensível passado. Devia parar imediatamente de tomar café amanhecido.

O corpo da mulher cubana morta foi recolhido à tarde. Seria enterrado em Havana, em túmulo conjunto com seu marido. Bandeiras cubanas desenhavam-se na mente de Vera Sílvia. Foram imensamente felizes, foram sim. Tantos anos a odiando e desejando a morte da felicidade alheia, como se fossem pedras duras no seu caminho de redenção espiritual: esse era o ofício de Vera Sílvia. Já não se lembra de quantos nomes teve, e é por isso que não sabe ao certo o nome da mulher cubana. Mas sabe como poucos, que é a única parte restante daquela história, sim. Talvez devesse haver alguma poesia sobre quando se enterra a amante do seu marido.

É o cheiro de morte lhe entranhando as narinas, é o seu corpo que já não suportava café, seus sonhos que não se resolvem. Outro corpo pequenino na mesa do necrotério. Uma criança que estava a ponto de ver suas emoções serem maquiadas, o trabalho de arrumar as flores amarelas e brancas, o caixão, esperar a mãe chorosa e

desesperada debruçar na madeira oca da saudade, esperar por uma história que nunca se deu. Interrompida. Interpretação de um texto que nunca existiu, nunca foi escrito por nada e nem ninguém.

Vera Sílvia acredita que o mundo escolhe quem vive nele, escolhe os colecionadores de moedas e mágoas e cofres, escolhe quem chora e deixa borrar a tintura dos olhos. Os olhos. Os pezinhos tenros que nunca caminharam sob a terra manchada de sangue, sempre manchada pelo sangue, porque assim é que se faz a história. Quando se morre, muita coisa morre junto com a gente. Vera Sílvia tira todo esse peso das nossas costas, nos desenha. As moedas e as mágoas já não compram mais nada, nem conseguem explicar as coisas que fazemos na vida. Tinha tantos sonhos, muitos.

Um dia, quem irá esvaziar-lhe as mágoas? Irão maquiá-la e disfarçar os erros da vida para que a terra a decomponha com a destreza dos vermes, com a destreza dos ratos? Um corpo cicatrizado vive para enterrar os amigos, dormir chorando no colo da mãe, tornar-se apenas um retalho das coisas do mundo. Esse era seu trabalho: ser o retalho das coisas do mundo, emprestar-se, tornar-se o retalho mal costurado das pessoas. Sabia disso. Sem filhos, sem marido, sexo atrofiado, as ideias mirabolantes na cabeça, o maior retalho humano do mundo. Maquiava seus amigos mortos pela tortura, maquiava para esconder o horror do silêncio, a força bruta que rasgava e ainda rasga a liberdade dos sonhos... Chorou tanto que acabou por esgotar as lágrimas. Vera Sílvia viveu para fazer a contagem final das moedas e das mágoas, por isso era indigente demais para ser heroína, cheirava a roupa suja e suada e terra estercada de sangue, bafo de café amanhecido e por isso não tinha paciência com a fervura da água, não conseguia lidar com a interpretação mal feita dos sonhos. Fecha os olhos e ouve seus gritos na rua, os braços dados e um amor sem precedente, veneno, o órgão sexual produtivo, o ventre, a esperança da vida e o seu dom de carregar as dores do mundo, de carregar todas as dores de seus irmãos.

Sente seu peito desatar em lágrimas. É quando observa o público seguindo o caixão branco, os olhos marejados, fixados na carne roxa e dura, decorada com delicadas florezinhas amarelas. A mãe da criança, na qual o nome talvez seja Neide Lopes, não lembra bem, caminha se apoiando em parentes e conhecidos. O lenço que carrega nas mãos já não enxuga mais nada, não consegue enxugar as lágrimas de dentro. A procissão vira a Rua da Felicidade, desaparece num calçamento esquivo, sem cuidado. Felicidade. Essa era a coisa burra que tanto procurava, mas acho que talvez a tenha confundido com liberdade, ou com amor. E depois a rua se aquieta, resta apenas o silêncio. O silêncio é o fim de tudo, e também é princípio, o meio. O coração de Vera Sílvia é como a Rua da Felicidade depois de passada a procissão: cheia, abarrotada de silêncio. Depois andam e pisam firmemente nessa terra, terra que sucateia o caixão branco, a mulher cubana, terra que cria o demônio, o demônio das moedas e das mágoas, o demônio do passado e dos sonhos com ratos.